

JORNAL COMUNITÁRIO ONLINE: A VOZ DO BEIRU EM TEXTOS ESCRITOS, ORAIS E EM IMAGENS DIGITAIS

Rosane Cristina Prudente Rose Thioune¹

O estudo demonstra que uso linguístico abraça valores que são extralinguísticos. Na produção do discurso ocorrem atos dialógicos que são uma contingência da interatividade e compartilhamento de informações, decorrentes da revolução tecnológica contemporânea.

As regras de comunicação, competência gramatical e a performance nos remetem a várias possibilidades de aceitabilidade das regras sociais que vão determinar o perfil do uso da competência gramatical nas múltiplas demandas de interação. Dell Hymes (1971, p. 270) na sua etnografia da comunicação nos dá um lastro para a análise do uso da linguagem em contextos específicos, de como os indivíduos a usam, como se comunicam um com os outros, de como os fatores sociolinguísticos são determinantes na definição desta competência.

Dentre uma das seis unidades: comunidades de fala, situação de fala, evento discurso, ato comunicativo, estilo comunicativo e modos de falar, define que podemos determinar o membro de uma comunidade de fala pelo compartilhamento de um dos “modos de falar” com os outros. Os membros de um determinado site pertencem a um discurso comunidade, por compartilhar regras particulares para falar online. Quando reverberam um significado aos seus participantes realizam uma ação comunicativa.

A pós-modernidade nos compacta a convergência da interatividade do letramento digital e suas possibilidades de múltiplas linguagens e semioses, um mundo no qual a competência comunicativa é anelada pelo letramento digital. Já que “letramento são as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita” (KLEIMAN, 1998, p. 81) não podemos esquecer que a mídia impressa, o jornal, já navega pelo suporte digital com uma variação de formatos e conteúdos.

O Beiru

Com uma população de 45.279 habitantes, o que corresponde a 1,85% da população de Salvador, o bairro do Beiru concentra 1,81% dos domicílios da cidade. Os chefes de família da comunidade, 24,44%, estão situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos e 33,07% têm uma escolaridade de 4 a 7 anos de estudos (SMA – PMS, 2010). Considerado um quilombo urbano, o Beiru é extremamente midiaticizado pelo recorte da violência urbana, conseqüentemente tenta a superação de seus problemas socioeconômicos com uma pulsante vida cultural.

Resquício de uma área que pertenceu à Gbèrú, um africano escravizado que nasceu no Reino de Oyó, atual Nigéria, fica no entorno do Campus principal da Universidade Estadual da Bahia – UNEB (a maior universidade do Norte e Nordeste). Face às diversas influências linguísticas soteropolitanas, a convergência de línguas africanas, indígenas e europeias, Gbèrú que significa florescer, desenvolver, passou a ser pronunciado Beiru. Dicionarizado, ganha acentuação e um novo significado – peixe (Jornal do Beiru, 2011). Como reparação pelos muitos anos de trabalho, como “propriedade” da família Garcia D’Ávila na fazenda Campo Seco², ganha uma porção de terra; com este pagamento funda um Quilombo que posteriormente ganharia o seu nome.

¹ Graduanda do Curso de Habilitação e Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Estadual da Bahia (Uneb). Pesquisadora do CNPq, modalidade PIBIC/AF de Iniciação Científica e do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Língua, Linguagem e Cultura. O projeto de IC tem orientação da Profa. Dra. Ligia Pellon de Lima Bulhões.

² Fazenda Campo Seco – propriedade que teve origem no latifúndio da família Garcia D’Ávila.

O quilombo do Cabula, um dos principais focos de resistência ao regime escravocrata, dentre os séculos XVIII e XIX na Bahia, abrigou os atuais bairros que ainda regem a região do Cabula (Beiru, Pituba, Pernambues, Engomadeira, São Gonçalo, Arenoso, Acm, Doron, Barreiras, Narandiba, Cabula VI, Sussuarana e adjacências), suas delimitações físicas e históricas foram entrelaçadas com a propriedade do africano Beiru. Destruído em 1807 (PEDREIRA, 1973, p. 135) pelo governador Conde Ponde, as terras do Cabula são confiscadas pelo Estado.

Com a morte do presidente Tancredo Neves, em 1985, o nome do bairro é alterado para homenageá-lo. O Jornal do Beiru encampa a mobilização do resgate ao nome original pois, apesar de ter ocorrido um plebiscito, os moradores mais antigos não aceitaram esta alteração. O plebiscito não contemplou o bairro todo e não teve a sua apuração documentada.

Uma das estratégias da equipe do Jornal do Beiru para agregar os estudantes do bairro em suas atividades foi o enfoque memorialista de resistência e luta dos africanos e quilombolas, uma escrita restauradora do passado (BUENO, 1997, p. 46) que compensaria a impossível restauração do espaço vivido. O grupo Jornal do Beiru convocou em todas as escolas da região os estudantes que quisessem ir além, dominar a “redação”, e adquirir a competência de produção jornalística. Partindo do letramento pedagógico focaram o letramento digital, como estratégia, para depurar o corpo de elaboração da sua própria produção jornalística.

Trajetória

O jornal fundou-se, em 2002, a partir de uma “oficina de letramento” proposta pela profa. e jornalista fundadora, Márcia Guena, com o objetivo de formar opiniões e oportunizar a conscientização étnica através de um veículo de comunicação comunitária que também objetivava a formação de leitores. Ela, por sua formação acadêmica e de militante política, pôde dimensionar a função da língua, da escrita e da leitura para alcançar os seus propósitos.

O conhecimento e experiências adquiridos em outras instâncias socioculturais pela fundadora do grupo foram fundamentais para que as pessoas da oficina de jornalismo – estudantes de ensino médio e moradores do Beiru, reelaborassem, através do diálogo e escrita de textos, os anseios, opiniões e demandas locais. Em seguida o movimento inverso foi realizado: com a formação dos alunos das oficinas em redatores, o jornal impresso ampliou o seu raio de atuação, indo de dentro para fora, ou seja, levando a outros bairros e contextos socioculturais pensamentos e ações de identidade local.

Após as suas incursões pela Europa a profa. Guena traz, da Espanha para Salvador, a prática de uma teoria jornalística que estava revolucionando o jornalismo europeu. O jornalismo literário tem uma preocupação com a fixação, a profundidade de conteúdos, potencializa os recursos jornalísticos para transpor a linearidade dos acontecimentos cotidianos, de um foco que apague as possibilidades de manipulação da informação, que amplie o senso de cidadania e rompa as correntes burocráticas do lide (PENA, 2006, p. 10).

O grupo, Jornal do Beiru, surge como uma sugestão do Grupo Cultural Quilombo Cecília³ para ação contra o racismo no bairro do Beiru. Com uma sede alugada, o grupo instaurou uma biblioteca comunitária com mil volumes, desenvolveu palestras, cursos, oficinas, atividades pedagógicas e culturais, que atraíssem a aglutinação de seu público alvo. O Jornal impresso foi sua primeira forma de propagação de suas atividades.

Com a parceria e colaboração financeira dos professores e dos comerciantes locais, anúncios e trabalho voluntário no Jornal, o grupo custeava todas as suas atividades. Durante a elaboração das edições 10 e 11, em 2010, o grupo ganha em edital público da Fundação Pedro

³ Quilombo Cecília – grupo anarquista, sediado no centro histórico de Salvador, que promove ações de combate ao racismo e de promoção da cultura negra.

Calmon, instituição que cuida das bibliotecas públicas da Bahia. Com este financiamento renova o aspecto visual do jornal impresso (formato, cores), inaugura em 2011 o seu site www.jornaldobeiru.com e distribui as suas duas últimas edições impressas. Com o fim do financiamento o site é congelado e o grupo intensifica a sua atuação em redes sociais.

Letramento digital

O letramento digital exige a competência de leitura e escrita antagônicas às tradicionais de alfabetização e ao letramento pedagógico – a não linearidade de leitura e escrita nos suportes digitais, a percepção de códigos verbais e não-verbais convivem com a intergenericidade – “os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem novos gêneros” (BAKHTIN, apud Marcushi 2008, p. 210). Nestes paradigmas de comunicação ocorrem ondas comunicativas que são delineadas por situações concretas, o letramento digital pré-estabelece que o sujeito seja alfabetizado, que domine o letramento pedagógico e que tenha habilidade com as ferramentas tecnológicas, fatores que lhe possibilitará a flexibilidade de interação simultânea com outras linguagens (vídeo, sons, texto, fotografias, etc.), a produção e interação com o hipertexto.

Buscando uma abordagem polifônica do discurso, a construção e produção dos textos jornalísticos dos blogs estão em constante construção e transformação (CHARAUDEAU, 2006; BRAIT, 2005 apud OLIVEIRA in SHEPHERD) na fuga; SALIÉS, 2013, p. 84), percurso em que todos buscam a ponta da lança dos recursos dialógicos e conversacionais. E foi apostando nesta interatividade que a direção do Jornal do Beiru optou pela estratégia de consolidar a sua atuação na mídia digital em redes sociais.

A revolução tecnológica insere os equipamentos digitais em nosso cotidiano, constrói novas formas de produção da comunicação, do conhecimento, do trabalho e no relacionamento pessoal, amplia nossa concepção de sociedade, ciência, educação e mídia. A engrenagem institucional educativa, principalmente a pública, responde descompassadamente a esta potencialidade da Internet, a este desafio à prática pedagógica contemporânea. Ao mesmo tempo em que o aparato escolar não tem a velocidade e funcionalidade das inovações tecnológicas, os alunos solicitam, ou por acessibilidade a outros conhecimentos ou para atender às demandas do mercado profissional, a competência do letramento digital. O singular estilo linguístico do texto sem fronteiras é fértil à multilinguagens, a capacitação para a construção do hipertexto foi uma prática prioritária na formação dos alunos do Projeto Oficina Permanente de Jornalismo do Jornal do Beiru.

“É o jornalismo que ta aí num crescente estrondosa no mundo inteiro. É uma linguagem diferente [...] um formato diferente do impresso, também é uma abordagem diferente, mais leve, solta, que você pode agregar elementos como foto, vídeo, áudio, hiperlink então a gente já tinha pensado na concepção desse novo projeto trazer esses elementos do novo jornalismo. É, não só ensiná-los a ensinar a escrever pro impresso mais pro on-line também pra entender o ambiente, nos primeiros dias de aula eu sugeri que eles criassem, quem não tinha blogs, pra eles inclusive, pra que eles criarem um diário de bordo pra eles. As dificuldades, as facilidades que tavam aprendendo e também pra publicar algumas matérias com os textos que eles já tavam produzindo em sala de aula. Então alguns alunos fizeram e foi uma experiência bem legal, porque algumas tem até hoje, uma das meninas mantém, escreve sempre com regularidade e isso ajuda bastante em melhorar o texto dela. A pessoa olhava, fazia alguma crítica, então isso foi dando

uma dimensão bem bacana pra ela, ajudou também pra quem fez”. (fragmento da transcrição do depoimento de TUCA⁴, 2013)

Na rede o Jornal do Beiru é publicado nos formatos transpositivo e perceptivo. Muitos dos alunos da oficina, todos oriundos do ensino médio, hoje são graduandos ou em graduação e alguns concluem o mestrado na Bahia e fora dela. A interatividade digital, descoberta e potencializada na Oficina do Jornal, permite que o grupo continue interagindo e realizando as suas produções.

O memorialismo

O Projeto Oficina Permanente de Jornalismo do Jornal do Beiru: Memória e História Afrodescendente utiliza o memorialismo como ancora para a formação do senso crítico dos sujeitos. Nos editoriais publicados na internet (<<http://jornaldobeiru.blogspot.com.br/>>) afirma que a sua missão é prioritariamente marcar as referências locais pertencentes à história e à memória local, lastros que possibilitem à juventude negra/afrodescendente enraizar suas relações espaciais, familiares e sociais com essa territorialidade.

Estigmatizado como um local extremamente violento, o bairro do Beiru, congrega uma população essencialmente afrodescendente e são as ações comunitárias que suprem as lacunas da ausência dinâmica do Estado. O recurso público do edital da Fundação Pedro Calmon, apesar de levar quase um ano para ser repassado, mesmo defasado deu um reforço à atuação do Jornal do Beiru. Agregando ao que tinha sido construído desde 2002, o grupo intensifica seu trabalho de valorização dos bens imateriais comunitários.

“Adequando o projeto, a parte intelectual do projeto com o histórico e a tradição e a experiência que já tinha ocorrido com esta nova realidade do jornalismo multimidiático, instantâneo e com a realidade do bairro” (fragmento da transcrição do depoimento de TUCA, 2013).

Para o foco de aglutinação de interesse compartilhado nas questões étnicas e afirmativas a memória atua como substrato dos alunos do **Projeto Oficina Permanente de Jornalismo do Jornal do Beiru: Memória e História Afrodescendente**. A logomarca do grupo “Estamos construindo o rosto de Preto Beiru – Salvador-BA” preconiza que o memorialismo faz parte da estratégia educativa, convoca a agregação, tanto interna quanto externa, real ou virtual de todos os quantos possam e queiram contribuir.

Como o público alvo da oficina de jornalismo são jovens que cursam o ensino médio em escolas públicas da comunidade do Beiru um dos grandes desafios, do grupo Jornal do Beiru, era a nova forma na qual os seus professores trabalhariam a memória e a produção dos textos jornalísticos. Nesta trajetória a interatividade foi fundamental para mensurar o acolhimento das atividades do grupo – “a gente postava alguns trechos da reportagem, como era produzido, tinha comentário, as pessoas davam um feedback bem bacana” (fragmento da transcrição do depoimento de TUCA, 2013). Por outro lado, os professores dos colégios públicos passaram a solicitar de seus alunos que utilizassem as matérias publicadas no Jornal do Beiru como fonte bibliográfica, para a elaboração de atividades escolares em diversas disciplinas (memória e identidade, sociologia, história, português, geografia, cultura negra e afins).

⁴ TUCA – designação hipotética de um dos sujeitos entrevistados, durante a pesquisa, para o recolhimento de dados primários transcritos literalmente.

“Creio que o conceito de memória dentro da escola está muito superado. A escola convencional vê a memória como um detalhe mnemônico. Como aquilo que sou capaz de reter, mesmo considerando a inutilidade do que pude reter. E o sentido moderno de memória é saber usá-la para que o aprender me leve a novos aprenderes, para que eu use em situações inusitadas aquilo que aprendi. Isso caracteriza a memória significativa. Por isso que o professor que trabalha a memória não é aquele que pede ao aluno decore, mas é aquele que não informa fatos sem significado. Por que a memória ama a significação, e tudo aquilo que guardamos na memória com significação nós retemos” (ANTUNES, Celso. In: MOSÉ, Viviane, 2013, p. 206).

Nesta estratégia, todo o trabalho do grupo, os jornais impressos e convites para atividades educativas e culturais eram distribuídos pelas ruas da comunidade em todas as instituições, formais ou não, de educação e de socialização. A proposta do grupo tem o compromisso com o combate ao racismo através da educação, da comunicação comunitária e nesta militância realiza a distribuição panfletária, de todas as suas edições impressas, em todos os espaços comunitários.

“Nesta quarta-feira, 11, iniciamos a distribuição da 10ª edição do Jornal do Beirú. No próximo sábado, 14, continuaremos com a distribuição do jornal. Além da distribuição tradicional, por becos e ruelas, iremos deixar cerca de 100 exemplares em cada uma das escolas, associações e conselho de moradores(as), nas igrejas (evangélicas e católicas) e nos Terreiros de Candomblé.” JORNAL DO BEIRÚ, 11/01/2012, <<https://pt-br.facebook.com/projetojornaldobeiru>>, 2014).

O papel do professor

O desafio pedagógico é encontrar modos de encurtar a distância até a literatura sofisticada – de usar a tecnologia como ponto de encontro com ela [...] As pessoas acham que os adolescentes não lêem [...], lêem o tempo todo no telefone celular, no facebook, etc [...] precisamos usar o letramento digital a nosso favor.”(SHEPHERD; SALIÉS, 2013, p. 27)

Para Paulo Freire, imbricados ao conceito de comunicação estão a interação e o diálogo entre os sujeitos de uma sociedade, combate a ideia behaviorista de comunicação como transmissão de informação. A comunicação é a coparticipação de sujeitos no ato de conhecer, uma situação social em que as pessoas criam o conhecimento juntas, transformando-o (FREIRE, 1971, p. 22) por este ângulo, a maior preocupação do grupo era com o seu quadro pedagógico. O professor de suas atividades, além da competência técnica e domínio de didáticas é um mestre, uma referência das possibilidades de ascensão enquanto cidadão através do conhecimento, uma referência negra aos alunos negros. Esquecendo o acúmulo de bens, o compre, compre, você vale o que você tem, recorrente em nossa modernidade, estes mestres espelham a imensurável possibilidade de agregação à fortuna crítica, motivam a oportunidade de lapidação da essência individual e coletiva proposta nas ações educativas do grupo Jornal do Beiru.

Imbuídos dos conceitos contemporâneos de educação, (a sistemática, a progressista e as conservadora) e linguística, (do letramento e do letramento digital), a preocupação do grupo era a capacitação dos alunos na codificação e decodificação da língua escrita, para exercerem confortavelmente a sua cidadania. Priorizando a concepção progressista, aos alunos foi direcionada a perspectiva de intervirem nas concepções de pauta.

Atentos às contingências da educação contemporânea, os professores, nortearam a aplicação dos quatro pilares da educação (Relatório Jacques Delors – Unesco, 1998): aprender a viver juntos,

aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser, como uma estratégia educativa diferencial da escola tradicional na contemporaneidade. A teoria socioconstrutivista, alinhada à pedagogia de Paulo Freire, lapidaram o desenvolvimento do projeto pedagógico da Jornal do Beiru.

Considerando o que os alunos têm algo para ensinar, contar, propor e a realidade de uma atividade multisseriada em um curto tempo, a capacitação que exigia resultados práticos, os professores perceberam que essa só ocorreria com o desenvolvimento individual da produção de escrita/leitura textual e visual, em que os alunos tivessem a competência de aplicá-la no hipertexto. Ao professor cabia a instigação das sensibilidades de escrita e leitura de seus alunos, motivar a sua capacidade de percepção; a tarefa, o desafio da ascensão do senso crítico que dialogasse com a bagagem pessoal e interagisse com os conteúdos ofertados nas disciplinas da oficina do jornal: redação jornalística (texto e imagem – fotografia), cidadania e consciência negra, e diagramação.

Disponibilizar equipamentos: computadores, máquinas digitais era outra questão, visto que na época, 2011, esta possibilidade nos bairros só ocorria em estabelecimentos comerciais (Lan Houses). A infovia transformou todo o percurso pedagógico, os alunos não escrevem tanto, tem que produzir produtos para as suas avaliações: trabalhos digitados, slides, vídeos, nos quais as múltiplas linguagens cruzam-se. O professor como intermediário de todo o conhecimento disponibilizado pela Internet já não é mais o guardião de todo o conhecimento escolar, opera como um mediador de como absorver frutiferamente tantas informações. De como "conectando nossos alunos a outros por meio de redes que o ajudarão a criar e a fazer crescer seu conhecimento de uma maneira que um professor sozinho apenas sonharia em fazer" (MAGEAU, 1994 in HELDE; STILBORNE, 2000, p. 27) podemos ir além às limitações da nossa estrutura educacional.

Nesta formulação a equipe do Jornal do Beiru incentivou e exigiu ao máximo a leitura como estratégia de melhorar a fortuna, o senso crítico e a habilidade de produção textual. "O escritor é aquele que observa e compreende o mundo em que vive antes de encarnar esse conhecimento em histórias, personagens, encenações, imagens, sons." (TODOROV, 1939, Tradução MEIRA, 2009, p. 91). Exercitando a postura de Todorov os professores do Projeto Oficina Permanente de Jornalismo do Jornal do Beiru conseguiram mais um elemento de consolidação para a sua prática educativa, TUCA, 2013, relata:

"Uma história contada, então tem que contar, vocês tem que saber contar boas histórias da forma que você senta numa roda de amigos e vai contar um caso de alguma coisa que você presenciou, que você ouviu, é dessa forma que você vai contar e a gente vai te dar os elementos técnicos pra que você conte a história bonitinha e pra que ela tenha um início, que ela tenha um assunto de maior interesse e que ele venha com a comprovações. Então eles começaram a olhar, a despertar esse desejo de olhar pra coisas com um olhar diferenciado, de ver algum elemento transformador na realidade deles, na realidade do bairro então isso já foi sempre desde o primeiro dia de aula, que eles identificassem esses elementos. É isso que é o jornalismo".

Conclusão

Um dos marcos na combatividade ao monopólio cultural de Salvador, no século XXI o Jornal concretiza com o seu Projeto Oficina Permanente de Jornalismo do Jornal do Beiru: Memória e História Afrodescendente um diálogo com outras linguagens e semioses, numa sedimentação das atitudes de multiletramento. No lastro do jornalismo literário consolida suas escritas multimodais, coletivas e colaborativas.

Documentos orais desvelam da memória social significados e representações de formações discursivas identitárias em usos de multimediação, desenhados em hipertextos,

transcendem a territorialidade da produção no Beiru para a interatividade de uma à comunidade de prática. Nas redes as pessoas agrupam-se de acordo com seus interesses em comuns, estas atuam como representação virtual dos relacionamentos entre os seres humanos em seu mundo real, em sua condição de representação e encerram várias diferenças quanto as relações não virtuais de comunicação, gerando mudanças nos modos de interação através de textos e discursos (SHEPHERD; SALIÉS, 2013, passim).

Temos a multiplicidade de linguagens ou semioses na edição digital das redes sociais. Nas oficinas realizadas, os alunos de ensino médio que delas participaram passaram pela experiência de produção de textos de gêneros do domínio jornalístico: notas, reportagens, entrevistas, etc., sempre abordando temas de interesse dos leitores; Capacitaram-se, na prática da escrita jornalística e também como fotógrafos, contando com a colaboração do grafite e de fotobiografias para fornecer imagens, para compor as matérias impressas e garantir a sua inserção comunitária na territorialidade do Beiru, na interatividade das redes sociais e da rede em geral, de forma mista (formato transpositivo e perceptivo). Os textos de gêneros híbridos e os hipertextos, preconizaram na sua produção e uso, além da modalidade escrita, a oralidade – entrevistas e negociação de temas, redação, etc., e a linguagem visual em uma prática educativa inovadora.

Agradecimentos

Ao 7º Seminário Nacional “O Professor e a Leitura de Jornal” em especial ao prof. Dr. Fabiano Ormanze e à Unicamp pela oportunidade e acolhimento. Ao CNPq pelo suporte financeiro à pesquisa de Iniciação Científica e a minha orientadora profa. Dra. Ligia Pellon de Lima Bulhões. A profa. Márcia Guena, a equipe do Jornal do Beiru e a comunidade beiruense pelo acolhimento e colaboração. À profa. Dra. Maria da Conceição Reis Teixeira, zelosa Coordenadora do Colegiado de Letras do DCH1 da UNEB/BA. À equipe do projeto Linguagens, NGEALC / GELLC. Ao PPG/ DCH1 / NUPE e à sua equipe dedicada e preocupada com o Programa de Iniciação Científica. Aos meus companheiros do 7º semestre.

Referências

ALKIMIN, Tânia M. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ANTUNES, Celso. Entrevistas. In: MOSÉ, Viviane. *A escola e os desafios contemporâneos*. (Org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 206.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: EDUSP, 2003.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral, memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELORS, Jacques. *Relatório*. In: Unesco. 1988. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127139porb.pdf>>. Acesso em: 22.03.2014.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HEIDE, Ann; STILBORNE, Linda. *Guia do professor para a Internet*. Tradução de Edson Furmankiewz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: PRIDE, J. B. *Sociolinguistics*. London: Penguin Books Inc., 1971.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

_____. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 173-203.

JORNAL DO BEIRU. Disponível em: <www.jornaldobeiru.com>, <<https://pt-br.facebook.com/projetojornaldobeiru>>, <<http://jornaldobeiru.blogspot.com.br>>, <www.slideshare.net/vilmaneres>, <<http://jornaldobeiru.wordpress.com/2007/10/27/historia-do-beiru/>>, <<http://www.scribd.com/doc/94069012/JORNAL-DO-BEIRU>>, <www.orkut.com/Home/Communities/Cultures&Community,issuu.com/andrefrutuoso/docs/jornal_do_beiru_11_edi_o>, <<http://soteropolitanosdocabula.wordpress.com/2007/07/30/jornal-do-beiru/>>, <<http://comunacabula.blogspot.com/2005/08/sos-ajude-o-jornal-do-beiru.html>>, <<http://pt.scribd.com/doc/86944249/Catalogo-de-registro-da-primeira-mostra-fotografica-a-ceu-aberto-sobre-o-bairro-do-Beiru-Salvador-BA>>, <<https://plus.google.com/photos/+Faf%C3%A1MAra%C3%BAjo/albums/5704717821202275057?sort=1>>, <<http://www.youtube.com/watch?v=zRyNokTHQoU>>. Acesso em: 10.08.2013.

LUCHESE, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MAGEAU, Thérèse. Will the superhighway really change schools. Apud: HEIDE, Ann; STILBORNE, Linda. *Guia do professor para a Internet*. Tradução de Edson Furmankiewz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000. p. 2.

MAINGUENAU, Dominique. *Análise de textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, L. Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS, Carmen L. G. de. *A abordagem etnográfica na investigação científica*. UERJ, 2001. Disponível em: <<http://www.ines.org.br>>.

PEDREIRA, Pedro Tomas. *Quilombos brasileiros*. Salvador: Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Salvador, 1973.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORINI, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística: objetivos teóricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Projeto oficina permanente de jornalismo do Jornal do Beirú. *Jornal do Beirú*. 10. ed., 9. a., novembro/dezembro 2011.

SÃO BERNARDO, Sérgio. Problemas epistemológicos das ciências humanas. In: GADAMER, Hans-Georg; FRUNCHON, Pierre (Org.). *O problema da consciência histórica*. Tradução de Paulo Cesar Duque Estrada. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SHEPERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia. *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ROJO, Roxane Helena R. *Multiletramentos na Escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Elisabete (Org.) et al. O caminho das águas em Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes. Salvador: Secretaria Estadual do Meio Ambiente / Ufba / SMA – PMS, 2010. Disponível em: <www.meioambiente.ba.gov.br/publicacoes/livros/caminho_das_aguas.pdf>. Acesso em: 20.10.13.